



PARLAMENTO
DOS JOVENS
básico



PARLAMENTO
DOS JOVENS
secundário



Tema a Debate:
VIVER ABRIL NA
EDUCAÇÃO: caminhos
para uma escola plural
e participativa

LISTA A

Ordem	Nome Completo	Ano/turma
1º	Francisca Gomes Bastos	9A
2º	Mafalda Alves Mortágua	9A
3º	Pedro Dinis Brandão e Costa	9A
4º	Gabriela Duarte da Costa Pinho	9A
5º	Diana Paiva Amaral	9A
6º	João Dinis Machado Dias	9A
7	Rafael Sousa Oliveira	9A
8º	Ana Maria Castro Ferreira	9A
9º	Tomás Miguel Fernandes Costa	9A
10º	Rodrigo Filipe Soares de Sousa	9A

Medidas e respetiva fundamentação

MEDIDA 1

Criação de uma disciplina para o ensino de braille, linguagem gestual, procedimentos e métodos de trabalho e utilização de tecnologia

Fundamentação

Dentro das disciplinas obrigatórias e do currículo do aluno estão o português como língua materna, o inglês como língua estrangeira 1 e o espanhol ou o francês como língua estrangeira 2, sendo isto essencial para comunicarmos entre nós e com pessoas de outras nacionalidades, mas esquecemo-nos daqueles que têm a mesma nacionalidade que nós, mas são surdos, mudos ou cegos, desta forma nenhuma destas línguas nos permitirá comunicar com eles, tornando-se imperativo adaptar a nossa linguagem á destas pessoas, já que em Portugal existem cerca de 163 mil pessoas com deficiência visual e 30 mil surdos. As pessoas com deficiência visual necessitam de um sistema de escrita tátil para poderem escrever e interpretar textos, algo com que nos deparamos bastantes em projetos escolares e que raramente se encontram adaptados aos invisuais. A criação de uma disciplina para aprender braille e língua gestual portuguesa é essencial para que tanto as pessoas como as escolas se possam tornar realmente inclusivas, e para que estas pessoas estejam realmente incluídas na nossa sociedade. Desta forma incluir esta disciplina no currículo do aluno e aos poucos torná-la também obrigatória.

Por vezes, nós, seres humanos temos dificuldade em comunicar, trabalhar e incluir o outro, para formar pessoas mais qualificadas, comunicativas e abrangentes, queremos também incorporar nesta nova disciplina um domínio de adaptação, de maneira a aprender estratégias para compreender o próximo, onde seriam também incorporados métodos de trabalho em equipa, aperfeiçoamento da comunicação, permitindo ouvir e dar espaço para a expressão do outro. Para que os jovens e docentes se tornem pessoas comunicativas, inclusivas, com competências de cooperação e trabalho em equipa desenvolvidas.

As Tecnologias são recursos, equipamentos e estratégias que visam contribuir para a autonomia e independência. Desta forma, podem ser usadas em sala de aula para um ensino-aprendizagem mais completo. Independentemente das particularidades, cada aluno tem o próprio ritmo educacional. Nessa perspetiva surge a necessidade de criar objetivos educacionais, métodos, materiais e avaliações que funcionem com todos. Sendo possível criar estratégias pedagógicas mais flexíveis, personalizáveis e ajustáveis às necessidades individuais. A personalização do ensino é um tema constantemente debatido na educação. Todas as escolas precisam de estar preparadas para oferecer uma educação que atenda todas as necessidades de todos os alunos.

MEDIDA 2

Criação de infraestruturas e ambientes inclusivos, emocionais e comunicativos adaptados às necessidades de todos

Fundamentação

Uma escola inclusiva vai muito além das adaptações físicas e de estrutura (também essenciais) como, por exemplo, a criação de acessos para a deslocação de cadeira de rodas. É igualmente importante promover um ambiente de respeito, aceitação, tolerância e aprendizagem.

Utilizar material didático que traga a questão da inclusão de pessoas com deficiência, diferentes culturas, religiões, géneros, aspetos... Usar recursos como filmes e palestras, além de outros materiais que apresentam diversidade.

As crianças, bem como os seus pais e corpo docente devem sentir acolhimento e a postura pró-inclusão. Que também precisa de se fazer presente no dia a dia da escola.

Promover em sala de aula momentos em que se converse abertamente sobre como todo o grupo se sente, inclusivamente os docentes. Tornar isto uma prática, desmistificando a ideia de que os sentimentos não são importantes. Estes momentos criam empatia e conexão entre as pessoas, quer sejam alunos ou professores, sendo a empatia uma das chaves para um relacionamento saudável tanto dentro como fora da escola.

Converter a sala de aula num espaço ideal para fomentar discussões acerca da diversidade humana, vai criar momentos em que se formem grupos de afinidade e depois misturando estes grupos para promover a troca de vivências e o desenvolvimento do pensamento crítico e inclusivo com relação a diferentes realidades.

Em sala de aula incluir todo o tipo de alunos, tenham eles diferentes origens, linguísticas e culturais, alunos com mais capacidades, alunos com mais dificuldades, misturando e envolvendo todos em trabalhos e atividades de grupo, promovendo sempre o diálogo, a colaboração e o respeito.

MEDIDA 3

Atividades, eventos e assembleias com a participação de toda a comunidade, com as suas ideias e opiniões.

Fundamentação

Para uma escola participativa é necessário que os alunos sejam ouvidos, que possam participar e ter conhecimento, por exemplo, das assembleias gerais. É necessário que a escola tenha em conta a opinião dos alunos, e para isto, promover reuniões/assembleias, para que os jovens possam dar as

suas opiniões e sugestões sobre o que se pode melhorar no ambiente escolar e o que os alunos sentem que precisam.

Por vezes os alunos sentem pressão sobre que curso escolher para seguir para o ensino secundário, mas como pode um jovem realizar esta escolha, quando o nosso contacto com o mundo do trabalho e outras áreas é nulo e começamos apenas no 9º ano a conhecer as possibilidades do ensino secundário? Muitas vezes os alunos nem sequer são ouvidos no que os preocupa, são apenas encaminhados, mas o papel da escola devia ser ouvi-los e ajudá-los a perceber que áreas gostam, para que a escolha seja apenas deles, isto pode acontecer através de palestras, reuniões e atividades para que todos sejam participativos e para que a sua opinião seja escutada, a criação de pequenas atividades relacionadas com diferentes áreas em que os jovens possam experimentar tarefas poderá ajudar a aclarar e tornar a decisão do curso, ou até mesmo da profissão pois os alunos terão fundamento para se avaliarem e se auto conhecerem, resultando numa escolha mais segura, consciente e baseada nas preferências de cada um.

Claro que para que tudo isto aconteça é necessário a divulgação destas reuniões, palestra, assembleias e atividades para que todos se sintam incluídos e bem-vindos a participar, para que cada um possa dar a sua opinião, para que todos sejam ouvidos e para que possam haver assim debates de ideias com o fim de tornar todo este ambiente escolar inclusivo e participativo.

O tema da inclusão deve fazer parte do projeto político-pedagógico das escolas. Ou seja, o ideal é que se insira no currículo escolar atividades que abranjam o tema da inclusão, a fim de que os alunos possam refletir sobre as diversas necessidades especiais, culturais, ideológicas, outras... e quais os desafios a serem enfrentados. Isso ajudará a criar a consciência que deve permear o ambiente educacional e fazer com que todas as crianças se sintam mais integradas e acolhidas.

Uma excelente forma de demonstrar e motivar a participação é envolver a comunidade nas atividades da escola. Por exemplo, trazer pessoas adultas com deficiência para falarem a respeito da sua vivência, experiências e como lidar com problemas comuns. Trazer à escola profissionais de diferentes áreas para falarem da sua experiência profissional para que os alunos possam conhecer melhor as áreas existentes e para que percebam com o que se identificam.

Estes tipos de abordagem costumam ser simpáticas e criam uma abertura para que os palestrantes também respondam às possíveis curiosidades e dúvidas que alunos e pais possam ter em relação ao tema apresentado. Tudo isto para contribuir para uma escola mais inclusiva e participativa.